DESOBEDIÊNCIA EPISTÊMICA E CONTRACOLONIZAÇÃO – CAMINHOS DE RESISTÊNCIA NA AMÉRICA LATINA

Alcione Nawroski[1]

Há pouco mais de 500 anos, fomos encobertos pela cultura da civilização europeia, que veio aqui para "nos salvar", uma vez que encontrou por aqui gente de aparência inocente, bestial e de pouco saber ao mesmo tempo curiosa e pacífica num primeiro contato, como destaca a Carta de Pero Vaz Caminha:

> Enquanto estivemos à missa e à pregação, seria na praia outra tanta gente, pouco mais ou menos como a de ontem, com seus arcos e setas, a qual andava folgando. E olhando-nos, sentaram-se. E, depois de acabada a missa, assentados nós à pregação, levantaram-se muitos deles, tangeram corno ou buzina, e começaram a saltar e dançar um pedaço (CAMINHA, s/d, p. 5).

É importante observar os registros das primeiras percepções dos europeus sobre os povos que encontraram, inclusive durante a pregação da missa. A forma como um escrivão a serviço do rei de Portugal registra suas observações sobre um "outro" não europeu ajuda a compreender a crítica de Walter Mignolo, em diálogo com Enrique Dussel, ao paradigma europeu da modernidade. A modernidade foi apresentada sob o signo da civilidade, tendo a cidade europeia como parâmetro para classificar outros povos como "bestiais" ou detentores de pouco saber. Para Dussel (1993), a racionalidade moderna surge junto com a colonização, em 1490, mesmo que a sua gestação tenha sido anterior. Nascida nas cidades europeias medievais, ela surge da perspectiva de dominar, controlar, vencer e violentar o outro (Dussel, 1993, p. 8). De todo modo, esse outro não foi "descoberto", mas "encoberto" dando origem ao "processo de 'em-cobrimento' do não-europeu", como pretendemos discutir neste artigo.

O artigo tem como objetivo analisar criticamente as relações entre modernidade, colonialidade e produção do conhecimento, a partir das contribuições de Walter Mignolo, Enrique Dussel, Paulo Freire e Nêgo Bispo, articulando-as com os movimentos territoriais em prol dos saberes e práticas de resistência expressas nas ideias de contracolonização. Diante desta

[1] **Professora do Curso de Pedagogia da** Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) | alcione_nawroski@uvanet.br

escolha, evidenciamos que a desobediência epistêmica e a valorização de cosmologias não eurocêntricas constituem alternativas à lógica colonial dominante.

METODOLOGIA

Adotamos a metodologia de natureza qualitativa, com abordagem teórico-analítica, baseada na revisão bibliográfica do pensamento decolonial latino-americano. A pesquisa pretende dialogar com os conceitos filosóficos, pedagógicos e sociopolíticos com narrativas e saberes oriundos de diferentes recôncavos como a realidade da caatinga e das comunidades tradicionais, nomeados por Freire (1987) como "oprimidos".

O artigo encontra-se subdividido em três seções. A primeira trata dos temas básicos da temática, a saber, da colonialidade, modernidade e o "outro". Em seguida, abordaremos a necessidade de uma identidade política para uma desobediência epistêmica e por fim, a contracolonização, os saberes insurgentes e a pedagogia da esperança.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao destacar que a modernidade vem com a colonialidade, a partir de 1490, Dussel destaca estes dois termos, cuja denominação refere-se em "dominar o outro". Esse "Outro" definido como, curioso, passivo, pardo, todo nu, "sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas". (CAMINHA, s/d, p. 2).

Sobre a chegada, inicialmente mansa dos europeus nas Américas, destacamos algumas observações:

> A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura. Nem estimam de cobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Ambos traziam os beiços de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos e verdadeiros, de comprimento duma mão travessa, da grossura dum fuso de algodão, agudos na ponta como um furador (CAMINHA, s/d, p. 4).

Um olhar eurocêntrico do "outro" revela as primeiras manifestações da colonialidade no novo continente que vai do domínio do território para o domínio dos corpos; e como destaca Dussel, uma vez reconhecido o território, passava-se para o controle dos corpos das pessoas para "pacificá-las" (1993, p. 43). A pacificação é uma das primeiras estratégias que, após troca de presentes, avança para o domínio dos corpos, sobretudo das mulheres indígenas, quando o colonizador se "amanceba" com elas, de onde nascem os primeiros brasileiros, no caso do nosso país. Da fetichização colonial, resumida na violência sexual em relação às mulheres indígenas, adestram a força braçal dos homens indígenas para o trabalho, o qual se somará ao africano

escravizado mais tarde. Dussel (1993) define a colonização pela seguinte ordem: 1. “eu colonizo”; 2. “eu conquisto” e 3. “ego cogito”, essa última emprestada de Descartes, como expressão da filosofia moderna reverberada no ego mais solipsista, ou seja, o eu pensante fundamentado na certeza.

Do domínio do território e dos corpos, passam para o domínio das culturas e dos saberes. A imposição da filosofia, da ciência e do cristianismo como universais abstratos constitui uma estratégia de apagamento de outras formas de existência e conhecimento. A santa missa, descrita nos primeiros parágrafos da Carta de Caminha, demonstra ser um ritual comum desde a chegada dos europeus, uma vez que se fazia, como descreve a carta, um ritual, o que justifica a forte presença do clero jesuíta, integrantes das grandes navegações, desde Vasco da Gama.

Dessa prática adestradora, fomos partícipes por quase 500 anos. Somente em meados do século XX, questionamentos como os formulados por Paulo Freire, em Pedagogia do Oprimido, ganharam espaço no debate educacional. “Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta pela sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará” (FREIRE, 1987, p. 17). Atentos às reflexões de Freire, começamos a questionar que conhecimento é este que está nos sendo transmitido, sem nenhum questionamento. Da educação bancária para um pensamento crítico há um extenso exercício por um pensamento diferente, que Nêgo Bispo vai nomear de contracolonização, ao questionar a hegemonia do modelo eurocêntrico e valorar o conhecimento quilombola.

Identidade política e desobediência epistêmica

Aníbal Quijano (2005) aponta para uma crítica urgente ao paradigma europeu da modernidade, em cujo debate se insere a desobediência epistêmica de Mignolo (2008), a qual apresenta uma proposta de identidade política. Segundo Mignolo, uma política identitária se manifesta através de conceitos universais abstratos como ciência, filosofia, cristianismo, entre outros. Entretanto, o autor declama que para a opção descolonial a identidade política é crucial para desnaturalizar a construção racial e imperialista de identidade construída pelos discursos europeus modernos. “A opção descolonial é epistêmica” fundamentada sobretudo no “aprender a desaprender, e aprender a reaprender a cada passo” (MIGNOLLO, 2008, p. 305).

Desaprender um conhecimento construído e fundamentado na tradição greco-romana que dominou o ocidente e fundamentar no *quéchua*, *aymara* e *tojolabal* de ascendência africana. Sobre a questão da intencionalidade das palavras, Lélia Gonzalez foi uma das

primeiras autoras negras a apontar para o enegrecimento das palavras no português de variação brasileira ao destacar que "os negro-africanos não foram silenciados mesmo sendo escravizados, eles continuavam falando e suas línguas influenciaram o português do Brasil. (Nawroski & Chrzan, 2024).

Interessante destacar que Gonzalez antecipa algumas questões que posteriormente serão retomadas e aprofundadas com Bispo dos Santos, quando este destaca que contrariar o colonialismo é contrariar as denominações dos conceitos por meio do enfraquecimento das palavras.

> Vamos pegar as palavras do inimigo que estão potentes e vamos enfraquecê-las. E vamos pegar as nossas palavras que estão enfraquecidas e vamos potencializá-las. Por exemplo, se o inimigo adora dizer desenvolvimento, nós vamos dizer que o desenvolvimento desconecta, que o desenvolvimento é uma variante da cosmofobia. Vamos dizer que a cosmofobia é um vírus pandêmico e botar para ferrar com a palavra desenvolvimento. Porque a palavra boa é envolvimento' (BISPO DOS SANTOS, 2023, p. 3)

Lélia, quem reconheceu que por muito tempo alisou o cabelo para "branquear-se" e ser aceita, sobretudo no meio acadêmico, por onde mais circulou, trouxe a sua história de vida, como forma de tomar consciência da sua identidade perante a sociedade brasileira, quando passou a assumir seus cabelos crespos, vestindo roupas coloridas para expressar um "processo de corporificação da consciência negra" (RATTS, 2010b apud NAWROSKI, 2). Além disso, buscou marcar sua produção acadêmica com expressões populares, gírias e sarcasmos, como artifícios de denúncia, em que chamou de "racismo às avessas" em que constata que tal crença pressupõe o reconhecimento de um racismo "às direitas". Bispo dos Santos (2023, p. 36) destaca que contracolonizar é simples, "é você querer me colonizar e eu não aceitar que você me colonize, é eu me defender." Neste sentido, Lélia defendeu-se com as suas palavras, as quais nomeou como um português de preto, ou como bem chamou "pretoguês", compartilhando dos mesmos princípios de Bispo dos Santos, "a favela adestrou a língua, a enfeitiçou" (2023, p. 4), e assim temos um povo latino-americano, nomeado por Lélia de amefricano.

Mignolo (2008) destaca que durante a Guerra Fria, o conceito de "desenvolvimento" adotado pelos Estados Unidos, no seu estágio inicial de dominação global, encontrou resistência na Teologia e Filosofia da Libertação. Tornar a esperança verbo foi uma forma de libertar-se das amarras colonialistas como bem destaca Paulo Freire "Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico" (1992, p. 5). Se a filosofia e teologia europeia dominaram o ocidente desde o Renascimento, tentando cristianizar os povos originários das Américas, mutilando saberes indígenas e africanos, importante é ressaltar como faz Mignolo (1993) que se os pensadores gregos nomearam a filosofia de "amor a sabedoria",

os pensadores aymara nomearam de “pensar bem”. Ambos eram seres que pensavam e traziam expressões locais de uma tendência comum entre seres humanos. Entretanto, só o pensar da filosofia grega-romana, assimilada pela intelligentsia modernista vingou e proliferou além-mar. Durante séculos, a Europa Moderna viveu sob ideologias nacionais fomentadas pela população branca e cristã, seja católica ou protestante, as mesmas que colonizaram as Américas.

Para Mignolo (2008), a desobediência epistêmica é uma recusa a colonialidade do saber, onde os direitos epistêmicos das comunidades afro e indígenas precisam ser validados. Por outro lado, Dussel (1993), nos convida a abandonar a narrativa linear europeia, uma vez que entende o mito da modernidade, cuja ideia foi vendida de civilização, nada mais é do que uma violência sobre o outro, aquele que se encontra fora do sistema dominante europeu, seja pelo apagamento da existência prévia dos povos, pela imposição cultural por meio da evangelização e hierarquização cultural. Para o autor não existe modernidade sem colonialidade.

Diante do exposto, gostaríamos de frisar que a necessidade de uma identidade política apontada por Mignolo (2008) para uma desobediência epistêmica foi criada por intérpretes da historiografia brasileira que desobedeceram a Filosofia Ocidental por meio da Filosofia da Libertação. Paulo Freire, Lélia Gonzalez e mais recentemente Nego Bispo são alguns dos nomes que fazem parte de um novo pensar na América Latina e, consequentemente, de uma nova epistemologia, criando assim a Pedagogia da Libertação.

Contracolonização, saberes insurgentes e Pedagogia da Libertação

Mignolo (2008) traz uma afirmação de Fausto Reinaga, não sou índio, sou aymara, mas já que nos nomearam de índios, como índio lutarei, ilustra o uso estratégico da identidade como forma de resistência. Paulo Freire não fez diferente, se fomos oprimidos, precisamos conhecer e identificar nossos opressores para lutar contra eles, sobretudo com as armas do conhecimento. Um conhecimento que pode ser único e exclusivamente produzido por nós que vivenciamos as mais diversas biosferas brasileiras. Logo na introdução, Bispo dos Santos (2023, p. 1) destaca que, “ouvir os cantos dos pássaros e os chiados da mata. [...] acordar ouvindo o canto da passarada informando quais as condições meteorológicas do dia. [...] Os pássaros nos avisavam se ia chover, se ia ter sol ou se o céu ficaria nublado. Informado por eles, ainda antes de me levantar, eu já tinha a noção de como seria o dia. Destes conhecimentos ancestrais poucos ainda cultivamos, pois vêm sendo drasticamente substituídos pelos conhecimentos comercializados por créditos de disciplinas nas universidades. Precisamos passar pelas universidades para ser “alguém na vida”; se não passarmos por elas, pouco ou nada seremos. Ter uma profissão

reverbera em estudar e tornarmos colonialistas ao dominarmos os outros por meio do conhecimento eurocêntrico que adquirimos na universidade.

A cidade, talvez o exemplo mais evidente de consolidação da sociedade capitalista, tornou-se na observação de Bispo dos Santos (2023), um território artificializado exclusivamente por humanos.

> Quando cheguei à cidade, percebi que era preciso pagar para fazer a casa, pagar pelo terreno, pagar por tudo. Quando o saber é transformado em mercadoria e hierarquizado, qual é a medida que justifica um servente ganhar menos do que um pedreiro? Ou um engenheiro ganhar mais do que um pedreiro, se o engenheiro só sabe desenhar e ninguém mora dentro de desenhos? Se quem faz a casa é o pedreiro e é na casa que se mora, o engenheiro não deveria receber nada. O engenheiro não deveria ter salário, ele deveria ser pedreiro. Para nós, a profissão de engenheiro é desnecessária, ela só existe na lógica de uma sociedade eurocristã monoteísta. (BISPO DOS SANTOS. 2023, p. 10)

Se morar na cidade precisa comprar para ter, portanto precisa acumular para viver numa estrutura colonizada. “Os colonialistas dizem que não temos cultura quando não nos comportamos do jeito deles” (BISPO DOS SANTOS, 2023, p.11). Foram eles também que na expressão de Freire (1993) fizeram dos indígenas, inimigos, a ponto de ser extinguidos no plano físico, mas também no plano cosmológico. Somente agora que começamos a entender que somos filhos nascidos da mesma floresta, e “para o êxito da luta, a consciência ética e a consciência política dos lutadores têm importância decisiva”. (FREIRE, 1992, p. 88).

> A parte da casa com paredes de taipa e teto de palha, por incrível que pareça, apesar do risco do fogo era o espaço da cozinha, exatamente porque as palhas e a taipa são térmicas. Aquele espaço esquentava menos durante o dia, e era onde se acendia a fornalha a lenha. O outro cômodo, de teto de palha e paredes feitas com varas secas, era onde se realizavam atividades coletivas como o tear, pois o espaço onde se tecia precisava ser mais ventilado. A nossa arquitetura era adequada às atividades praticadas ao longo do dia em cada um dos seus espaços. (BISPO DOS SANTOS. 2023, p. 3)

A crítica que o autor faz à mercantilização da vida, na qual a “troca” expressa uma equivalência mercantil e poderia ser facilmente substituída por “compartilhar” baseada nas relações comunitárias e afetivas, como aquelas que traz das suas vivências no quilombo. A troca pressupõe a mercadoria, um relógio por outro relógio de igual preço, se o preço não for igual, alguém vai ficar com a mais valia, para usar um termo marxista aqui. O compartilhar não reverbera em mercadorias, mas em ações “um gesto por outro gesto, um afeto por outro afeto” (Bispo dos Santos. 2023, p. 21). E assim como Lélia Gonzalez (1988), Nêgo Bispo faz o exercício das terminologias das palavras com o propósito de enfraquecê-las quando a primeira poderia ser facilmente substituída pela segunda: 1. desenvolvimento sustentável - biointeração;

2. coincidência - confluência; 3. saber sintético - saber orgânico; 4. transporte - transfluência; 5. dinheiro (ou a troca) - compartilhamento; 6. colonização – contracolonização. Assim "vamos botar palavras que os próprios eurocolonizadores não têm coragem de falar!" (Bispo dos Santos. 2023, p. 4). Ao analisar os mecanismos de dominação, afirma que "tanto o adestrador quanto o colonizador começam por desterritorializar o ente atacado" (Bispo dos Santos, 2023, p. 2), e ressalta que a ruptura com o território e com a identidade sociocultural é central no processo de subordinação; ou, como aponta Mignolo (2008, p. 288), formar uma identidade política é um posicionamento de chamado à desobediência epistêmica, entendida como condição indispensável para romper com os limites do pensamento eurocentrado. Segundo o autor, sem esse movimento, a sociedade permanecerá "ao domínio da oposição interna aos conceitos modernos e eurocentrados", (MIGNOLO, 2008, p. 288), o que impede a superação de tradições teóricas do racionalismo moderno como o marxismo, o foucaultianismo e outras correntes críticas europeias. Uma proposta descolonial não busca deslegitimar essas teorias, mas questionar sua centralidade e universalização.

A cosmofobia apontada por Bispo dos Santos, uma aversão ao cosmos provocada pelo medo, e por isso foca na dominação da terra, no ter e não no ser, é uma doença sem cura, apenas com imunidade. E a imunização é a contracolonização, pelo politeísmo, em prol do monoteísmo. No politeísmo, os deuses e as deusas são inúmeros, para todos. Não existe um único Deus pelo qual precisamos disputar. Um exemplo bastante evidente que o autor traz são os indígenas que antes de Cabral viviam um sistema de cosmologia politeísta (BISPO DOS SANTOS. 2023, p. 36).

Em relação ao eurocentrismo, Dussel (1993) destaca que, temos que assumir a pele bronzeada dos caribenhos, dos andinos e dos amazônicos. Temos que vestir a pele daqueles que viram aproximar-se "deuses" nunca vistos antes vindo do mar flutuante, contagiando-os com pestes, com açoites. Hoje, formados na escola ocidental, precisamos vestir os olhos dos outro, daquele outro que historicamente foi visto como sem cultura, portanto, sem civilidade, dentro do mito da modernidade para "re-construir o processo de sua formação (como a "outra face" da Modernidade)" (Dussel, 1993, p. 90).

Depois que chegou o "(des)envolvimento com os parques de energia eólica e solar, também chegou a violência. Para o agronegócio, os territórios de chapada são mais interessantes, mas até a caatinga, cheia de pedregulhos, com geografia física irregular e vegetação não muito alta, sendo atacados pelos parques de energia eólica e energia fotovoltaica. Para Bispos dos Santos, trata-se do colonialismo na sua essência. Primeiro com "o pau-brasil e agora, quando não há mais essa madeira para levar, levam o vento e o sol" (2023, p. 64). A

crítica ao desenvolvimento, sobretudo do agronegócio e projetos energéticos, revela a continuidade do colonialismo sob novas formas, que revela a persistência da lógica extravisita e cosmofóbica – o medo e a negação do cosmos.

> Quando o agronegócio chegou por aqui, nos disseram para não consumir boa parte dos frutos que costumávamos consumir. Tudo aquilo que não era mercadoria era ruim, só o que era mercadoria prestava. Fruta, naquela época, não era algo que se comprava na feira. A minha avó dizia que quem vende melancia, vende mijo. Nosso povo tinha vergonha de vender melancia, manga, caju, pequi ou umbu. Se a natureza te oferece de graça, por que vender? Isso é puro colonialismo. (BISPO DOS SANTOS. 2023, p. 52).

A transformação do saber em mercadoria, mediado pela academia, reforça hierarquias e desigualdades, dando continuidade na relação opressor-oprimido. Diante desta realidade, Freire (1987, p. 21) destaca a práxis, como "reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo". Em outra obra, Freire (1992) destaca que a esperança é constitutiva do ser humano, pois sem esperança não há ação transformadora, ela é um dos elementos de uma educação emancipadora que só pode ocorrer quando parte da experiência concreta dos estudantes vai para além da compreensão da realidade social, e que nunca será uma realidade europeia, como bem assinala Dussel (1993). A noção de contracolonização surge como prática de resistência ao afirmar outras formas de resistência, seja na disputa linguística, seja na práxis baseada na consciência crítica para a transformação da realidade por meio das experiências concretas dos sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A articulação entre desobediência epistêmica, identidade em política e contracolonização evidencia a necessidade de romper com a centralidade do paradigma eurocêntrico na produção acadêmica, mas também na organização da vida social. A colonialidade, longe de ser um problema do passado, continua operando nas estruturas contemporâneas. A contracolonização não consiste em negar a modernidade, mas em questionar sua centralidade, revelando suas contradições, possibilitando assim outras formas de pensar, saber e viver. A valorização dos saberes locais, das mais diversas biosferas, e a construção de práticas educativas emancipadoras apontam para o horizonte da pluralidade epistêmica como os autores supracitados tentam demonstrar. O educador e quilombola brasileiro Nego Bispo propõe uma alternativa à lógica colonial-capitalista ao defender uma relação baseada na reciprocidade entre ser humano e natureza, em que o pensamento se fundamenta na ideia de confluência, entendida como um princípio de fortalecimento coletivo. Conforme afirma, "a confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia" (BISPO

DOS SANTOS, 2023, p. 9), indicando que o conhecimento se constrói no encontro entre diferentes saberes. O autor amplia o conceito de educação ao vinculá-lo à vivência coletiva, à ancestralidade e à relação com o território. “A arte é conversa das almas, pois vai do indivíduo para o comunitarismo, pois ela é compartilhada” (BISPO DOS SANTOS, 2023, p. 11), indicando que o conhecimento não é individual, mas resultado de relações sociais e culturais que fortalecem a comunidade.

Palavras-chave: desobediência epistêmica; contracolonização; colonialidade; educação emancipadora.

REFERÊNCIAS

CAMINHA, Pero Vaz de. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, [s. d.]. Acesso em: 21 mar. 2026.

DUSSEL, Enrique. *1492*: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade. Petrópolis: Vozes, 1993.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança*: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido.* 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, jan./jun. 1988, p. 69–82.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, n. 34, p. 287–324, 2008.

NAWROSKI, Alcione; CHRZAN, K. Enegrecendo a fala das mulheres: as contribuições de Lélia González para o português brasileiro. *Educação*, v. 49, n. 1, e43/1–22, 2024. DOI: https://doi.org/10.5902/1984644471288.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Edgardo Lander (org.). *A colonialidade do saber*: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117–142.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora, 2023.